

Coleção: Dramaturgia Notívaga

vol. 02

ANA ROSA

ROBERT COELHO



INTRODUÇÃO

A coleção que o leitor tem agora em mãos – ou na tela do computador – cataloga alguns autores que fizeram parte dos 20 anos de trajetória da Associação Teatral Notívagos Burlescos de Botucatu, São Paulo, Brasil.

Em outubro tivemos a oportunidade e o prazer de lançar esse material através de um festival de leituras dramáticas, que comemorou os 20 anos de existência (ou poderíamos dizer resistência?), do grupo.

Com essa pequena coletânea de textos, pudemos colocar mais um parágrafo na história desse grupo de teatro, fundado em 2002, que formou uma geração de artistas na região de Botucatu. Pois em paralelo à publicação desses textos e da realização das leituras, que ocorreram presencialmente no GARAGE - Espaço de Cultura, também houve a exibição ao vivo do evento em nosso teatro no metaverso da NEAR Protocol.

Isso mesmo: teatro no metaverso!

Estamos muito orgulhosos de sermos um dos primeiros grupos de teatro no Brasil a explorar as possibilidades e ferramentas da *web3*, para difundir nossas produções e, quem sabe, criar formas de adaptar a linguagem às novas tecnologias. Enxergamos nessas ferramentas oportunidades de difusão dos projetos artísticos, que podem ampliar nossos espaços de atuação e continuar a manter o teatro em diálogo com tempos tão dinâmicos como esses, em que os meios tecnológicos cada vez mais ganham importância no dia-a-dia.

Para além disso, desejamos que essa arte milenar continue a contribuir com o desenvolvimento humano e traga a esse cotidiano informatizado um pouco de reflexão - nos lembrando que acima de qualquer tecnologia, ainda somos humanos. Nossas ferramentas nos servem, não o contrário.

Evoé!

Johnny Faustino

Notívagos e a sua dramaturgia

Esse e-book é parte de um conjunto de textos que ao todo são: “Crônicas de um assassino crônico” de Marcos Mendes Maciel, “O pastor” de João Alves e “Ana Rosa” de Robert Coelho. São textos que evidenciam um pouco da rica trajetória do Notívagos Burlescos, um grupo que formou atrizes, atores, diretores e diretoras, dramaturgas e dramaturgos, etc.

Percebemos ao longo dessa coleção os experimentos cênicos, as técnicas utilizadas, não só para a criação do texto, mas também para alcançar em cena aquilo que foi almejado em sua concepção textual. Trata-se de um registro importante para a história do teatro da região de Botucatu e evidência daquilo que parte dos estudiosos do teatro contemporâneo chamam de pesquisa teatral.

Essa pesquisa teatral dentro do Notívagos surge ora por textos que explorem a história da cidade, ora na estrutura da peça ou na formação de atrizes e atores, como na relação personagem versus figuras narrativas como o coringa. Percebemos isso até mesmo nos solos teatrais que tentam explorar recursos cênicos e novas tecnologias em cenas, como projeção de imagens ou uso de máscaras e trilha sonora ao vivo.

Enfim, o que temos aqui não são somente textos dramáticos, mas a história de um grupo, permitindo acesso às montagens teatrais de anos atrás e que evidenciam como se utilizaram dos recursos técnicos disponíveis.

Vida longa aos Notívagos! E que venham tantos outros textos e montagens!

Elias Pintanel

ANA ROSA

de Robert Coelho

CENA 1

BOTUCATU, TERRA DE NINGUÉM

Cena 01 – BOTUCATU, TERRA DE NINGUÉM

(Música.)

CORINGA

Boa noite, senhoras e senhores! Nós somos a Quadrilha de Teatro Notívagos Burlescos. E hoje estamos aqui para contar a história de Ana Rosa. Ou pelo menos, algumas versões de sua história. O que os senhores e as senhoras verão aqui hoje é um resultado de uma pesquisa de textos, músicas e causos que recolhemos. Nós não estamos julgando, reprovando ou defendendo qualquer uma das versões dos fatos. Estamos apenas apresentando. Cada um de vocês poderá ponderar, refletir e analisar como bem entender e decidir o que achar melhor.

(Música estilo de faroeste. Dois atores se posicionam com num duelo ao pôr do sol.)

CORINGA

Nossa história se passa no final do século XIX! Naquela época, Botucatu era uma cidade mal-afamada. Era conhecida como terra de gente brava, valente, briguenta e mal-educada.

PISTOLEIRO I

Matar gente, dar tiros, embainhar a faca na barriga de alguém eram coisas rotineiras aqui na cidadezinha boca de sertão.

PISTOLEIRO II

Só o bairro do Alambari dava defunto uma vez por semana.

PISTOLEIRO I

E a cachoeira? Era um Deus nos acuda. *(O Pistoleiro II atira e acerta em cheio o coração do Pistoleiro I.)*

CORINGA

Não é à toa que a cidade foi berço de um dos criminosos mais conhecidos daquele tem-

po. Diogo da Rocha Figueira, o Dioguinho. É verdade que, ainda garoto, mudou-se para a cidade de Tatuí e lá iniciou sua vida de fora da lei. Mas já em Botucatu, com seu irmão Joãozinho, praticava atos que revelavam sua índole.

UMA MULHER

(Verificando os pães em um grande forno a lenha.) Seu Avelino! Seu Avelino!

AVELINO

Fala, mulher.

UMA MULHER

Os pães tão quase prontos.

AVELINO

Eu te disse pra me chamarem quando eles tivessem prontos, não quase prontos. Não foi?

UMA MULHER

O senhor me desculpa...

AVELINO

Tá, tá... Sai pra lá. *(Ela vai saindo.)* Você viu o Diogo e o João?

UMA MULHER

Não senhor. *(Sai.)*

AVELINO

Onde se meteram esses dois moleques? *(Sai.)*

(Entram Dioguinho e Joãozinho. Estão com risinhos contidos, com um gato nas mãos. Atores que são forno fazem a voz do gato.)

GATO

Miau. Miau.

DIOGUINHO

Vai você. *(Passando o gato pra Joãozinho.)*

JOÃOZINHO

Eu não! Coloca você, Dioguinho! *(Devolvendo o gato para Dioguinho.)*

DIOGUINHO

Mais esse Joãozinho é um bunda-mole mesmo... *(Pega o gato e joga dentro do forno.)*

GATO

MIAAAAAAUUUU!

(Os dois garotos se contorcem de tanto rir vendo o gato pegar fogo. Saem correndo.)

CORINGA

E esse foi o começo de uma longa carreira de crimes.

CORINGA

Um crime famoso e muito comentado na cidade foi o do Isaías, que depois do episódio ficou conhecido como Isaías Mata Três.

ISAÍAS

Valha-me, meu Santo Onofre! Meus negócios estão indo de mal a pior! A minha vida está uma bagunça. Como é que um homem pode ser tão desgraçado?

UM HOMEM

Sabe, seu Isaías, isso parece coisa de feitiçaria.

ISAÍAS

Feitiçaria?

OUTRO HOMEM

É. Deve ser coisa daquela velha, que mora lá pra ribas de baixo. Dizem que ela é uma bruxa.

ISAÍAS

Mas será?

UM HOMEM

Só pode ser.

ISAÍAS

O que é que faço, então?

OUTRO HOMEM

Só tem um jeito de fechar o corpo de praga de feitiçeira.

ISAÍAS

E qual é?

OUTRO HOMEM

Você tem que quebrar três ovos na cabeça dela.

UM HOMEM

E dar uma surra com um rolo de fumo de corda.

ISAÍAS

E funciona?

OS DOIS HOMENS

Batata!

(Isaías pensa por uns segundos e sai. Os dois homens caem na gargalhada. Saem. Entra uma velha. Isaías aparece, e sorrateiramente se aproxima da velha. Quebra os ovos na sua cabeça.)

ISAÍAS

Tome essa, filha do capeta!

VELHA

Que é isso? Que é isso? Que é isso?

ISAÍAS

(Dando golpes com o fumo de corda.) Vai de reto, Satanás! Sai desse corpo que não te pertence!

VELHA

Ai, ai... Ai, ai, ai! *(A velha cai. Isaías fica meio assustado. Aproxima-se do corpo no chão.)* Ai! *(Isaías toma um susto e sai correndo.)*

CORINGA

Acontece que a velha tinha três filhos. *(Entram os três filhos e socorrem a velha.)* E os rebentos resolveram tirar uma desforra violenta.

(Música. Saem os filhos com a velha. Isaías entra. Os três filhos da velha surgem, um de cada lado, cercando Isaías. Quando percebe que está acuado, saca uma pequena faca do bolso. A cena se congela e continua em câmera lenta. Os três avançam sobre Isaías, que se defende com a faca. Subitamente a cena se congela novamente e volta à velocidade normal. Os três caem, mortos. Isaías, com as mãos cheias de sangue, parte.)

CORINGA

Isaías foi julgado e absolvido.

TODOS

Julgado e absolvido.

CORINGA

Em 1885, outro homem foi julgado por assassinato e absolvido.

(Um tribunal é montado. De um lado, o acusado. Do outro, o juiz e os jurados.)

JUIZ

Em virtude da apelação pela honra de seu casamento, o qual foi ultrajado por sua mulher, declaro o senhor Francisco de Carvalho Bastos inocente. *(Bate o martelo.)*

TODOS

Julgado e absolvido.

CORINGA

Esta foi a sentença. Nós vamos contar a história do crime. Francisco de Carvalho Bastos era conhecido em toda redondeza pelo apelido de Chicuta. Ganhava a vida como carreiro, fazendo transporte de cargas pelas estradas da região com seu carro de boi.

CENA 2

“ANA ROSA CASOU COM CHICUTA”

(De um lado entra Chicuta em seu carro de boi, do outro, Ana Rosa. Chicuta, ao se aproximar de Ana Rosa, lhe cumprimenta, tirando o chapéu. Ela responde com um sorriso. Chicuta para o carro.)

CHICUTA

Moça? *(Ela, que já estava seguindo seu caminho, lhe dirige o olhar.)* Há anos que sou carreiro nessa estrada e há vinte que vivo nesse mundo... E nunca vi a senhorita por essas bandas. Tenho certeza que eu não esqueceria uma moça bonita como a senhora.

ANA ROSA

(Rindo, meio sem jeito.) Obrigada, moço...

CHICUTA

Achou graça? Mas que graça há em se dizer a verdade?

ANA ROSA

Aposto que o senhor diz isso pra todas que passam.

CHICUTA

Pois perdeu a aposta. *(Descendo do carro.)* Eu, minha querida, só tenho um defeito.

ANA ROSA

E qual seria?

CHICUTA

Dizer a verdade quando vejo uma menina bonita como a senhorita. *(Ela ri.)* E você? O que acha de mim?

ANA ROSA

Ah... bonzinho.

CHICUTA

Bonzinho... Como se chama?

ANA ROSA

Ana Rosa, sua criada.

CHICUTA

Um nome perfeito para quem é tão bonita como uma flor. *(Ela ri.)* Eu queria ser uma abelha pra pousar na sua flor.

ANA ROSA

(Rindo.) O senhor diz cada uma! Como é o seu nome?

CHICUTA

Francisco de Carvalho Bastos. Mas todo mundo nas redondezas me conhece como Chicuta.

ANA ROSA

O senhor bem que poderia aparecer em casa um dia desses pra conversar com os meus pais. Eles gostam de um homem conversador como o senhor.

CHICUTA

E onde mora a senhorita?

ANA ROSA

Bem ali, perto da estrada, no pé daquele morro.

CHICUTA

Apronte o café, que vou até a cidade e na volta passo por lá.

ANA ROSA

Até.

(Os dois se despedem e partem cada um na sua direção.)

CORINGA

E assim, nos meses que se seguiram, Chicuta e Ana Rosa passaram a se encontrar. Até que um dia se casaram na Vila do Rio Novo, hoje cidade de Avaré. E de lá partiram para morar na fazenda Rio Novo, propriedade de Chicuta.

CENA 3

“ANA ROSA CASOU COM CHICUTA”

(Três homens. Estão meio embriagados e alegres. Um deles assobia, como um chamado. Música, as mulheres entram.)

MULHERES

E aí?

(Cada homem se arranja com uma mulher. Dançam. Ana Rosa entra e se senta. Os homens notam sua presença e, largando seus respectivos pares, caminham na direção de Ana Rosa.)

HOMEM I

Boa noite...

ANA ROSA

Boa...

HOMEM II

Qual é o nome da donzela?

ANA ROSA

Ana Rosa.

HOMEM III

Com essa boniteza toda só podia ter nome de flor mesmo.

HOMEM I

A moça me dá o direito dessa dança?

ANA ROSA

Eu não sei dançar.

HOMEM II

Quem sabe um passeio lá fora? É lua cheia e...

ANA ROSA

Não sou dessas.

HOMEM III

Dá um beijinho e diz que me ama?

ANA ROSA

Mas eu não te amo, meu senhor!

HOMEM III

(Avançando numa tentativa de abraço) Então um beijinho?

HOMEM I

(Tirando-o de cima de Ana Rosa) Ei, devagar aí!

HOMEM III

“Qualé” o problema com você, hein? Me deixa, cara! *(Ao se voltar para Ana Rosa se depara com o Homem II cochichando algo em seu ouvido.)* Sai pra lá, filhote de cruz credo! *(Empurra-o agressivamente.)*

HOMEM I

Calma, valentão... Onde é que você pensa que vai com essa força toda?

HOMEM III

Por que você quer saber?

ANA ROSA

Senhores, por favor...

HOMEM III

Você fica quieta!

HOMEM I

Não fala assim com ela.

HOMEM II

(Batendo nas costas do Homem III) Gente, deixa disso... *(O Homem III se enfurece com o Homem II e parte pra cima dele. O Homem I tenta apartar e a confusão começa. Algumas mulheres começam a gritar. Uma delas sai e volta com um balde.)*

MULHER COM O BALDE

(Depois de jogar o conteúdo do balde nos homens.) Já pra fora, cambada de ignorante! *(Os homens se separam, ainda se encarando e saem. Ana Rosa está assustada.)* Tá feliz? *(As mulheres saem. Ana Rosa fica sozinha.)*

CORINGA

Apesar de em sua vida sempre haver aquele sentido latente de perigo, de maldade, de raiva sopitada e crua, Ana Rosa adorava a vida simples e descuidada, uma existência humilde e quieta. *(Chicuta surge.)* E então, surgiu aquele homem, que se agarrou a ela como um parasita se prende à árvore.

CHICUTA

Minha princesinha!

ANA ROSA

Chicuta.

CHICUTA

Que é que é esse ar de tristeza?

ANA ROSA

Nada, não.

CHICUTA

“Nada, não”, é? E aqueles três manguaças que tavam lá fora se pegando por tua causa?

ANA ROSA

Hã?

CHICUTA

Não se faz de sonsa, menina! Eles tavam te aborrecendo, não foi isso?

ANA ROSA

É...

CHICUTA

Pode ficar tranquila, viu? Meus capangas tão lá, dando um corretivo neles. *(Se aproximando.)* Ana Rosa, menina... Diz: Você não suporta mais esses tranqueirentos te enchendo a paciência, não é verdade? *(Ela acena que sim com a cabeça.)* Você queria um sossego pra tua vida não queria? *(Ela, que até então não olhara para ele, o encara desconfiada.)* Casa comigo e larga essa vida.

ANA ROSA

Eu já vou indo, que o rumo dessa prosa não me agrada.

CHICUTA

Fica! Eu não terminei de falar ainda.

ANA ROSA

Eu já sei o que você tem pra dizer, Chicuta. Minha resposta é não. *(E vai saindo.)*

CHICUTA

(Segurando-a pelo braço.) Escuta aqui...

ANA ROSA

Que é que você quer?

CHICUTA

Quero casar contigo.

ANA ROSA

Você tá louco, Chicuta? Me solta!

CHICUTA

Tô louco, sim. Tô tão louco, que vou passar a faca em qualquer um que chegue perto de você, tá entendendo? *(Ela se solta.)* Pensa na minha proposta. Certo? Vem cá, me dar um beijo de despedida. *(Ela sai. Ele assiste e em seguida deixa a cena com um sorriso nos lábios. Música. Os três homens da cena anterior entram e formam uma mesa de bar. Estão todos machucados e doloridos.)*

HOMEM I

Ai, como dói...

HOMEM II

Ai, minhas costas...

HOMEM III

Ai, minha cabeça...

(Os três viram um copo de cachaça.)

HOMENS

Aaaaaaiii...

HOMEM I

Nunca mais quero saber daquela tal de Ana Rosa.

HOMEM II

Nem fale o nome da dita cuja, é capaz daquele carroceiro maluco aparecer!

HOMEM III

Deus me livre e guarde!

HOMEM I

O problema não é só ele. E aqueles cupinchas malditos?

(Um quarto homem entra. Mancando e gemendo.)

HOMEM IV

Ai, ai... Boa tarde.

HOMEM II

Que é que houve?

HOMEM III

Até parece que o amigo teve com a Ana Rosa. *(Os outros dois riem.)*

HOMEM IV

Como é que cê sabe?

(Música. O Bar sai de cena. Ana Rosa surge de um lado e Chicuta no outro extremo. Enquanto o Coringa fala, caminham para se encontrar no centro.)

CORINGA

Chicuta cercou Ana Rosa de todas as maneiras possíveis. E sempre lhe fazia a mesma pergunta.

CHICUTA

Quer casar comigo?

CORINGA

E ela sempre lhe dava a mesma resposta.

ANA ROSA

Não.

CORINGA

No entanto, ele não se dava por vencido. Até que um dia, cansada e confusa pelas ameaças, promessas e insanidades que Chicuta realizava em nome de seu desejo cego, ela respondeu...

ANA ROSA

...sim.

(Música de festa junina. Todos entram dançando quadrilha. O casamento acontece. Ana Rosa tem um ar vazio e triste.)

CENA 4

CHICUTA DESCONFIA DE ANA ROSA

CORINGA

A fazenda do Rio Novo agora era o lar de Ana Rosa. *(Entram os peões trabalhando.)* Além do casal, viviam na fazenda vários peões, que trabalhavam para Chicuta. No entanto, o que deveria ser a paz lentamente se tornou sofrimento. Por conta de seu trabalho como carreiro, Chicuta viajava frequentemente.

CHICUTA

(Subindo no carro de boi.) Volto ainda hoje, minha Rosa. No fim da tarde.

(Ana Rosa se despede do marido, senta-se e começa a costurar um vestido.)

CORINGA

E os vários dias longe de sua mulher fizeram com que o ciúme cada vez mais tomasse conta de seu coração.

(Música. Uma luz esverdeada toma conta da fazenda. Um pequeno foco surge no rosto de Chicuta, que viaja em seu carro de boi. Lentamente os movimentos do trabalho braçal dos peões se transformam em movimentos voluptuosos e todos se aproximam de Ana Rosa.)

ANA ROSA

(Maliciosamente fingindo ser recatada.) Um de cada vez, por favor. Não... *(Os peões tomam seu corpo. Sorrindo.)* Não... Não...

CHICUTA

(Completamente tomado pela ira.) Não! *(Estalando o chicote nos bois.)* Não! NÃO! *(Ele desce do carro de boi e entra na sala da fazenda. Quando ele chega os peões estão trabalhando, ao fundo, e Ana Rosa costura o seu vestido.)*

ANA ROSA

Chicuta? Aconteceu alguma coisa? Você não disse que voltava no fim da tarde?

CHICUTA

(Bufando.) Eu disse! Não disse? Mas voltei antes! *(Procurando algo.)* Tinha alguém aqui?

ANA ROSA

(Estranhando.) Quem estaria aqui? Aconteceu alguma coisa? *(Ele a encara, desconfiado.)*

CORINGA

Cego e obsessivo, Chicuta decidiu se prevenir do invisível.

CHICUTA

(Falando com os peões reunidos em fila.) De hoje em diante eu proíbo todos vocês a dirigir a palavra à minha esposa quando eu não estiver por perto. Não quero nem que vocês olhem pra ela. Quando ela falar com vocês, respondam de cabeça baixa: “Sim, senhora” e “Não senhora”. Compreenderam?

PEÕES

Sim, senhor.

CHICUTA

Se eu souber que alguém andou com graça, vou cortar a língua do filho da mãe e arrancar os olhos!

CORINGA

As paranoias do marido ficaram comentadas pela região. E como tudo que corre de boca em boca, foi ganhando novas dimensões.

(Várias pessoas cochichando, uma no ouvido da outra. A última cochicha no ouvido de Chicuta. Atônito, ele ouve a história. Sai furioso.)

CHICUTA

Ana Rosa!

ANA ROSA

Meu Deus Céu! Assim você me mata do coração! Quando é que você vai parar com essa mania?

CHICUTA

Eu preciso ir até a cidade. Eu não quero que você coloque os pés fora dessa casa enquanto eu não voltar.

ANA ROSA

Mas... Por quê? Está um dia tão lindo! Eu queria dar uma volta...

CHICUTA

Você não vai a lugar nenhum.

ANA ROSA

Mas, Chicuta eu preciso...

CHICUTA

Precisa obedecer ao seu marido! Quem manda aqui sou eu! Quem canta no terreiro é o galo. Não é a galinha! *(Ele sai da sala e tranca a porta.)*

ANA ROSA

O que você está fazendo?

CHICUTA

Você vai ficar trancada aí, até eu voltar. *(Sai.)*

ANA ROSA

Chicuta! Eu não posso ficar presa aqui dentro o dia todo! Abre a porta! Chicuta!

CENA 5

CHICO DA BAIXADA CORTEJA ANA ROSA

CORINGA

(Entra Chico da Baixada.) Chico da Baixada, um sujeito conhecido por sua fama de galanteador e valentão. Bateu na fazenda do Rio Novo.

CHICO DA BAIXADA

(Batendo palmas.) Ó de casa!

ANA ROSA

(Abrindo uma janela.) Pois não?

CHICO DA BAIXADA

Bom dia, dona. Eu sou o Chico da Baixada. O seu Chicuta está?

ANA ROSA

Não, senhor. Saiu agora mesmo.

CHICO DA BAIXADA

Puxa, que azar. Que horas ele volta?

ANA ROSA

Só no fim da tarde. Sobre o que seria?

CHICO DA BAIXADA

É que eu tenho uns negócios com ele lá na cidade.

ANA ROSA

Quando ele chegar digo que o senhor veio.

CHICO DA BAIXADA

É, se não tem outro jeito... E ele? Como está?

ANA ROSA

Vai indo, assim...

CHICO DA BAIXADA

A senhora me desculpe a indiscrição, mas... É verdade o que falam por aí?

ANA ROSA

Do que o senhor está falando?

CHICO DA BAIXADA

Dessas histórias que o povo fala, sabe?

ANA ROSA

Eu nem faço ideia do que se trata. Nunca saio dessa fazenda e dificilmente recebo visitas.

CHICO DA BAIXADA

Talvez seja por isso que povo ande comentando...

ANA ROSA

E o que é que o povo anda comentando, seu Chico da Baixada?

CHICO

Bom... É o que dizem, né?

ANA ROSA

Fale, homem de Deus!

CHICO DA BAIXADA

Dizem que ele não trata muito bem a senhora. Que é ciumento. Dizem até que bate na senhora.

ANA ROSA

(Gaguejando.) É o que dizem, é?

CHICO DA BAIXADA

É sim, senhora. *(Ana Rosa fica muda. Pausa.)* A senhora não é feliz com ele, não é verdade? Dá pra ver nos olhos da senhora.

ANA ROSA

Dá?

CHICO DA BAIXADA

A senhora quer um conselho? *(Ela não responde)* Se não serve, procure outro. A senhora não pode ficar aguentando essa vida por muito tempo. Imagine só, uma moça bonita, que pode viver em companhia de gente bem melhor do que esse Chicuta. Se a senhora quiser, eu posso...

ANA ROSA

Acho melhor o senhor ganhar estrada e tomar seu caminho, tenho muito que fazer aqui em casa e o rumo dessa prosa não me agrada. Passar bem! *(Fecha a janela. Chico da Baixada sai, indignado.)*

CORINGA

Chico da Baixada não teve sucesso. Mas sua conversa com Ana Rosa teve outros frutos.

(Entra Chicuta no carro de boi, voltando para a fazenda. Entra um peão, Benedito.)

CHICUTA

De onde vem, Benedito?

BENEDITO

De lá da fazenda, patrão.

CHICUTA

Passou pela casa?

BENEDITO

Passei sim, senhor.

CHICUTA

Tudo certo por lá?

BENEDITO

Tudo. Teve um homem que esteve lá conversando com a Dona Rosa.

CHICUTA

(A expressão de Chicuta muda imediatamente.) Quem era?

BENEDITO

Parecia o Chico da Baixada.

CHICUTA

Conversando onde?

BENEDITO

Ele na frente da casa e ela na janela.

CHICUTA

E como é que era essa conversa?

BENEDITO

Ah, patrão, não deu pra ouvir. Eu tava longe. Mas parecia que ele tava se engraçando com a Dona Rosa.

(Chicuta enfurece. Entra em casa transfigurado em ódio.)

CHICUTA

Rosa, quem esteve aqui?

ANA ROSA

(Assustada.) Foi o Chico da Baixada. Veio tratar de negócios com você.

CHICUTA

Sei bem o negócio que ele veio tratar! A senhora ficou de lero-lero com esse caiporento na frente de casa, toda assanhada, sua sem-vergonha!

ANA ROSA

É mentira!

CHICUTA

E ainda tem a cara de pau de dizer que é mentira!

ANA ROSA

Ele só perguntou de você. Eu disse que não estava e ele seguiu caminho.

CHICUTA

E foi só isso!

ANA ROSA

(Gaguejando.) Foi...

CHICUTA

(Aproximando-se.) Foi só isso que aconteceu, Rosa?

ANA ROSA

(Receosa.) Foi, Chicuta!

CHICUTA

(Pegando-a pelos pulsos.) Cachorra, vagabunda! *(Joga-a no canto da sala e saca o chicote.)* Você vai aprender a não mentir pro seu marido, sua peste! *(Tira o chicote e, se preparando para castigá-la, dá estaladas no ar.)*

CENA 6

A FUGA

CORINGA

Ana Rosa já não suportava tamanho sofrimento. As loucuras de Chicuta se tornavam mais violentas a cada dia que passava. Só havia uma saída: a fuga. *(Em um foco, Ana Rosa montada em um cavalo.)* Uns dizem que foi ajudada por um dos peões. Outros dizem que foi sozinha. Uns dizem que foi durante o dia, outros dizem que foi durante a noite. Mas a maior controvérsia gira em torno do final de sua jornada, na cidade de Botucatu.

(Noite. Ana Rosa se aproxima de uma casa iluminada por uma luz vermelha. Na porta algumas mulheres.)

ANA ROSA

Por favor, preciso de alguma coisa pra comer...

CAROLINA PERNA GROSSA

Não sei se você percebeu, mas aqui não é hotel, queridinha! *(Risos.)*

NHÃNA CABEÇA

Tá perdida a mocinha?

ANA ROSA

Fugi de casa.

SINHANA PAPO ROXO

Uma fugitiva! Brigou com o papi, foi?

ANA ROSA

A senhora tá vendo essas marcas aqui? Foi meu marido. Ele judia de mim. Não tem um dia que eu não apanhe dele.

NHÃNA CABEÇA

Noossa! Que horror! Coitadinha...

SINHANA PAPO ROXO

De certo fez por merecer.

ANA ROSA

Nunca dei motivo, não.

CAROLINA PERNA GROSSA

E você tem pra onde ir?

ANA ROSA

Tenho não.

CAROLINA PERNA GROSSA

Bom, já é tarde... Se você quiser pode passar a noite aqui. Mas vai ter que falar com a chefe. *(Chamando.)* Dona Fortunata!

FORTUNATA

Que é que foi?

NHÃNA CABEÇA

A menina fugiu do marido e tá sem rumo no mundo.

FORTUNATA

E veio procurar o rumo por aqui, é? Ta querendo virar mulher da vida, menina?

ANA ROSA

Se quero ou se vou, não sei. Só sei que a vida que eu levava não quero mais não.

CAROLINA PERNA GROSSA

Acho que ela só precisa de um lugar pra dormir e colocar as ideias no lugar.

FORTUNATA

Pode dormir aqui, se quiser. Depois decide se fica ou não. Bom, as meninas daqui de fora você já conheceu: Nhãna Cabeça, Carolina Perna Grossa e a Sinhana Papo Roxo. Vamos lá dentro que eu te apresento as outras, você come alguma coisa e me conta sua história.

(A se cena se congela.)

CORINGA

No entanto, algumas pessoas dizem que na verdade Ana Rosa foi para Botucatu por que na cidade morava uma tia.

(A cena ainda congelada. As mulheres da Casa de Fortunata e a própria saem de cena. Entra Dona Lousada.)

ANA ROSA

Tia!

DONA LOUSADA

Minha sobrinha! *(As duas se abraçam.)*

ANA ROSA

Estou cansada, minha tia... Não vou para adiante, seja o que Deus quiser, que eu também creio e confio nele.

DONA LOUSADA

Vai descansar, Ana Rosa. Sossegue que ele não virá atrás de você. Um homem ruim assim não corre atrás de uma vítima só. Apanha outra pra judiar.

ANA ROSA

Ele é ruim demais pra se esquecer, tia. Esta noite continuo viagem. Vou pra bem longe, um lugar por aí onde seja difícil de chegar e impossível de sair.

(A cena se congela.)

CORINGA

E ainda existe uma outra versão que diz que a tia de Ana Rosa morava nos fundos da Casa de Fortunata, sendo uma espécie de funcionária aposentada.

(As mulheres e Fortunata voltam para a cena.)

ANA ROSA

Tia, se a senhora pudesse me arranjar umas roupas... Saí da fazenda só com esse vestido. *(Música. Lousada e Ana Rosa entram. A luz muda. Chicuta entra em cena.)*

CHICUTA

Rosa! Rosa! Cadê você? ROSA!

CENA 7

CHICUTA DESCOBRE O PARADEIRO DE ANA ROSA

(Entram Juca Costa e Dona Lousada. Ela traz uma cesta no braço.)

JUCA COSTA

Dona Lousada! Boa tarde!

DONA LOUSADA

Boa tarde, Seu Juca!

JUCA COSTA

Fazendo compras? *(Espionando a cesta.)*

DONA LOUSADA

(Disfarçando sorridente, tirando o cesto das vistas de Juca.) Não é nada de mais seu Juca. Coisas de costura, sabe. Só isso.

JUCA COSTA

(Esticando o pescoço.) Chita de flores, chinelas de cordovão, xale xadrez... Quando é a festa? Ou pra quem será que a senhora vai se vestir com tantos mimos? Será que a senhora vai...

DONA LOUSADA

Vai o que?

JUCA COSTA

Vai viajar?

DONA LOUSADA

Seu Juca, tenho certeza que sua mulher não gostaria de ver o senhor pela Rua das Flores com curiosidades maliciosas sobre os cestos das mulheres que passam. Não é mesmo?

JUCA COSTA

(Sem jeito.) É...

DONA LOUSADA

(Sorrindo cinicamente.) Pois então, passar bem.

JUCA COSTA

Adeusinho, Dona Lousada.

(Os dois dão meia volta. A cena congela.)

DONA LOUSADA

Esse Juca Costa sempre foi amigo do marido da Ana Rosa e até andou de negócios com ele. Deve ter desconfiado que a menina está aqui. E se desconfiou o outro já saberá. Preciso fazer alguma coisa. Ei, moleque! Venha cá! *(Entra um garoto.)* Vai falar com o cabo Delfininho, lá na cadeia, e diga pra ele mandar uns soldados na minha casa se um bando de cavaleiros entrar pelos lados de Avaré. *(O garoto sai correndo. Lousada dá uma última olhada para Juca Costa, e sai.)*

CAPANGA

Mandou chamar, seu Juca?

JUCA COSTA

Mandei. Pega o teu cavalo, chama o bicho na espora até a fazenda e avisa o teu patrão que o passarinho tá aqui, na casa da tia. E que venha logo, porque já deve estar de partida. *(O capanga sai apressado. Em seguida, sai Juca Costa.)*

CENA 8

“VIM BUSCAR O QUE É MEU”

(Três soldados estão jogando baralho. O Cabo Delfininho, do outro lado da cena, vigia as ruas da cidade.)

SOLDADO I

Bati.

SOLDADO II

De novo! Não creio nisso.

SOLDADO I

(Mostrando as cartas.) Olha aí!

SOLDADO III

Quem embaralha?

SOLDADO I E II

Sempre quem pergunta.

SOLDADO II

É. O cabo ficou o dia inteiro espiando, o Sol já tá se pondo e nada.

SOLDADO I

Cavaleiros de Avaré... O moleque deve tá morrendo de rir em algum canto. *(Risos.)*

SOLDADO III

E o pior é que ele é capaz de ficar a noite toda aí.

SOLDADO II

Aguardando a invasão dos cavaleiros de Avaré. *(Risos.)*

(O Cabo avista algo ao longe. Um som de cavalos galopando surge e atravessa a cena. Cabo e soldados acompanham o movimento da tropa, atônitos. Delfininho reúne os soldados desajeitadamente e partem. Entram Chicuta de um lado e Lousada e Ana Rosa do outro.)

CHICUTA

Vim buscar o que é meu! Casou comigo, há de morrer comigo! Tá se vendo que não presta mesmo! Quer voltar pra vida de aluguel essa peste! Mas vai voltar é pra minha casa! Se apronta e vamos embora sua...

ANA ROSA

Não vou! Não volto pra casa! Prefiro até a outra vida, do que isso!

(Chicuta avança na direção de Ana Rosa. O Cabo Delfininho e seus soldados entram. Chicuta recua.)

CHICUTA

Vim buscar o que é meu. Mulher que o juiz e o padre me entregaram na mão, não será de mais ninguém.

CABO DELFININHO

Escuta, moço. Eu sou o cabo Delfininho. Lá nos seus lados o senhor manda. Aqui o senhor não pode fazer as suas vontades. Tem que ser o que a lei e a vontade dos outros quiserem. Portanto, pode ir saindo em paz.

CHICUTA

Não saio sem levar o que é meu. É uma perdida, eu sei. Mas é minha! Eu casei com ela!

CABO DELFININHO

A moça é que decide se vai ou fica.

ANA ROSA

Eu vou ficar, seu Delfininho.

CHICUTA

Sou teu marido! Você tem que ir, queira ou não!

ANA ROSA

Prefiro morrer do que ir com você.

(Chicuta a encara por alguns segundos e sai, levando seus capangas. Ana Rosa abraça a tia.)

CENA 9

CHICUTA ENCONTRA COSTINHA E HERMENEGILDO

(Música. Chicuta entra sério e com passo apertado. Vai direto ao balcão. Fazendo um sinal pede ao bodegueiro uma cachaça. Os dois trocam algumas palavras discretamente. Em seguida entram Costinha e Hermenegildo conversando e se sentam numa mesa.)

COSTINHA

E eu vou lhe dizer uma coisa: nunca vi um sujeito correr tanto na vida!

HERMENEGILDO

Ah, mas não tem nem “talvez”. Esses caboclos, pra não perder o couro? É sebo nas canelas!

COSTINHA

Como se fosse resolver alguma coisa! Alcancei o desgramento e fiz ele cuspir todos os dentes. Esse não folga mais.

HERMENEGILDO

Ô, seu Gumercindo! Enche os copos! *(O bodegueiro se aproxima com uma garrafa.)* Comigo é assim também. Se o sujeito folgou, amanhece com a boca cheia de formiga. *(Risos.)*

GUMERCINDO

Diga lá, Hermenegildo. *(Mostrando Chicuta.)* Conte um caso seu pro amigo forasteiro. Conte a maior barbaridade que o senhor já come-teu.

HERMENEGILDO

(Garboso.) Homem, o maior ato de arrepiar os cabelos que eu pratiquei na minha vida foi enforcar um sujeito, suspenso num galho de jacarandá.

GUMERCINDO

A troco de quê?

HERMENEGILDO

Esse caíçara, um tal de Chico Várzea, se engraçou com a filha do dono da fazenda onde eu morava, lá no alto sertão. Cacei o bicho, passei a corda no pescoço do danado e o

desgraçado, pendurado, gritava por tudo quanto é santo, pedindo que eu não fizesse aquilo. Quando suspendi o infeliz, botou um palmo de língua pra fora, os olhos esbugalharam, bateu as pernas e foi falar com o capeta lá nas profundezas do inferno. *(Costinha e Hermenegildo riem. Viram o copo de cachaça goela abaixo.)*

COSTINHA

Pior fiz eu. Eu morava também numa fazenda e o dono tinha uns negros, que eram as coisas que eu mais odiava no mundo. Um dia, um maldito desses fugiu e o patrão pediu pra buscar o bicho, vivo ou morto. Peguei os cachorros da fazenda, o Rompe-nuvem, o Espalha-brasa e o Corta-vento, e fui pra mata caçar o safado. Encontrei o peste no alto duma árvore, escondido nos galhos. Fiz o bicho descer e já fui lhe dando uma bofetada que chegou estalar. Sabe o que ele fez? Veio pra cima e tentou me estrangular! Puxei o facão e fui pra cortar no meio a cabeça do filho de uma égua.

HERMENEGILDO

E cortou?

COSTINHA

Não, pegou de raspão e cortou a orelha fora. Soltei os cachorros, que ficaram atiçados pelo cheiro do sangue, e eles partiram pra cima do negro como feras. Rompe-nuvem agarrou o pescoço e arrancou a garganta. Corta-vento estraçalhou a barriga e o Espalha-brasa devorou-lhe o rosto, cortando venta, boca e bochecha. *(Costinha e Hermenegildo riem. Viram o copo de cachaça goela abaixo.)*

CHICUTA

Vocês parecem ser os homens que eu estou procurando.

COSTINHA

(Debochando.) Tá procurando homem, moço? *(Os dois riem.)*

CHICUTA

Vocês querem pegar uma empreitada?

HERMENEGILDO

Só se for pra não trabalhar.

CHICUTA

Gosto de um sujeito que vai direto ao assunto. A proposta é de interesse de vocês.

HERMENEGILDO

Pois então fale, homem.

CHICUTA

Na rua não se trata desse tipo de coisa. Onde é que moram?

COSTINHA

Aqui pra rua de cima, num casebre ao lado esquerdo.

CHICUTA

Pois bem, se querem tratar do negócio, estarei lá ao anoitecer.

HERMENEGILDO

Feito.

COSTINHA

Estaremos esperando.

(Chicuta cumprimenta os dois homens e deixa a venda. Costinha e Hermenegildo brindam com a cachaça.)

CENA 10

COSTINHA ARMA A CILADA

(Música. Lousada costura o vestido de Ana Rosa.)

ANA ROSA

Tia! Tia!

LOUSADA

Chegue aqui, minha querida! Estou terminando seu vestido.

ANA ROSA

Tia, consegui um jeito de sair daqui e nunca mais me preocupar com as perseguições daquele monstro!

LOUSADA

Mas quê?

ANA ROSA

Um tropeiro da Zona da Mata! Ele está de pouso no Lavapés, e parte amanhã, antes do amanhecer, pro Paraná! Disse que posso seguir viagem com ele!

LOUSADA

Pro Paraná? Mas o Paraná é muito longe, minha filha.

ANA ROSA

O Chicuta nunca vai desconfiar que eu tomei o caminho daquelas bandas, tia!

LOUSADA

Mas esse homem... Esse tropeiro...

ANA ROSA

Ele está ali fora. Posso pedir pra ele entrar?

LOUSADA

Por favor.

ANA ROSA

O senhor pode entrar. Ela vai conversar com o senhor. *(Entra Costinha.)*

COSTINHA

Boa tarde. A senhora deve ser a Dona Lou-sada.

LOUSADA

Isso mesmo. E o senhor?

COSTINHA

José Antônio da Silva Costa. Mas a senhora pode me chamar de Costinha.

LOUSADA

Costinha?

COSTINHA

É.

ANA ROSA

O seu Costinha disse que acha melhor eu fazer pouso no Lavapés essa noite.

COSTINHA

A menina sai comigo hoje à tarde e dorme lá, pros lados do ribeiro. Antes que os galos cantem o fim da noite, eu, ela e a minha comitiva já estaremos na estrada. O que a senhora acha?

LOUSADA

(Receosa.) Não sei...

COSTINHA

A história dela me comoveu. Deixou meu coração partido, viu? Vou cuidar dessa moça como se fosse minha filha. A senhora não precisa ficar preocupada. Se algum mulambento se atizar com ela eu passo a faca no bucho do infeliz.

ANA ROSA

Diga que esse homem não é um anjo que caiu do Céu, Tia!

LOUSADA

(Depois de uma pequena pausa.) O senhor dá licença de eu ter um aparte com a minha sobrinha? *(Costinha assente com a cabeça e sai.)* Ana Rosa, minha menina. Eu não sei se confio nesse homem.

ANA ROSA

Uma comitiva de tropeiros que vão para o Paraná! Uma oportunidade como essa não

vai aparecer tão cedo!

LOUSADA

Ele é um desconhecido, Rosa!

ANA ROSA

Eles estão do meu lado, tia. Vão me proteger!

LOUSADA

É isso que o seu coração ta dizendo pra você fazer? *(Ana Rosa acena que sim com a cabeça.)* Então o que eu posso fazer, senão consentir com a sua vontade. *(Ana Rosa sorri e abraça a tia.)*

CENA 11

A TRAGÉDIA

(Noite. Ana Rosa e Costinha no cavalo.)

ANA ROSA

O senhor tem certeza de que não se perdeu nessa escuridão?

COSTINHA

Fique sossegada, moça. É logo ali adiante.

ANA ROSA

Seu Costinha, como é o Paraná?

COSTINHA

Ah, o Paraná? Bom, o Paraná é um paraíso! Tem cada coisa te esperando lá! Você nem imagina.

ANA ROSA

O senhor não faz ideia do bem que o senhor me faz. Há muito tempo que eu não me sentia tão feliz.

(Chicuta e Hermenegildo surgem da escuridão num alvoroço. O cavalo se assusta, levantando as patas dianteiras. Ana Rosa e Costinha caem.)

CHICUTA

Ana Rosa!

ANA ROSA

Chicuta! (Ela se esconde atrás de Costinha.) Seu Costinha me proteja, pelo amor de tudo que é mais sagrado nesse mundo!

COSTINHA

(Abraçando a moça.) Não tem com o que se preocupar, moça. Não precisa se preocupar com mais nada.

(Chicuta se aproxima dos dois. Ela tenta correr, mas Costinha a segura. Chicuta desfere um forte tapa no rosto de Ana Rosa.)

CHICUTA

(Segurando o rosto de Ana Rosa.) Agora você não me escapa, sua desgraçada! (Hermenegildo lhe passa uma faca.)

ANA ROSA

(Debatendo-se.) Socorro! Socorro!

(Hermenegildo ajuda Costinha a segurar a mulher. Tampam sua boca. No momento em que Chicuta desfere o primeiro golpe uma luz vermelha inunda o palco. Após o primeiro golpe Chicuta começa a cortar vários pedaços de Ana Rosa. Os dois a soltam e seu corpo cai no chão. Os três homens se reúnem em volta da mulher, esgarateando-a. Ao fim, os três se levantam, observam o corpo mutilado e partem. Lentamente os primeiros raios de Sol surgem no horizonte. Um homem montado em seu cavalo entra em cena. Ao avistar o cadáver da moça ele se assusta e sai em disparada.)

CENA 12

A SENTENÇA

CORINGA

No dia seguinte toda cidade estava sabendo. Ana Rosa estava morta. E o rastro dos criminosos não foi difícil de se seguir. *(Os criminosos vão se alternando em focos.)* Costinha foi preso no Bairro do Rio Pardo e julgado em Botucatu.

COSTINHA

Eu não tenho nada a ver com isso.

TODOS

Julgado e absolvido.

CORINGA

Chicuta tinha influência política na Vila do Rio Novo, mas isso não impediu que fosse preso e julgado em Botucatu.

JUÍZ

Em virtude da apelação pela honra de seu casamento, o qual foi ultrajado por sua mulher, declaro o senhor Francisco de Carvalho Bastos inocente. *(Bate o martelo.)*

TODOS

Julgado e absolvido.

CORINGA

Hermenegildo foi o único condenado à prisão. Gumerindo Lara, que foi o intermediador entre os bandidos, sequer foi processado. Mas, uma outra justiça se moveu. Costinha, lá pelos lados de Águas de Santa Bárbara, ao cortar uma grande árvore com uma machado, foi esmagado pelo tronco. Hermenegildo morreu na prisão, vítima da varíola. Gumerindo Lara.

GUMERCINDO

Uma esmola... Uma esmola para um leproso...

CORINGA

Morreu sozinho, abandonado e deformado. E Chicuta.

(No foco, Chicuta em seu carro de boi.)

CHICUTA

Ôa, ôa! Vai, danado! Por que não sai do lugar? O que será que... Ah, essa maldita roda de novo! Mas será o Benedito! *(Chicuta desce do Carro e se coloca embaixo dele para averiguar o problema com a roda. Os bois se movimentam, um grito e a luz do foco se apaga.)*

CORINGA

A roda cortou a cabeça de Chicuta.

CENA 13

A CAPELA E A SANTA

CORINGA

Um caminho foi rasgado até o local do crime e lá uma cruz foi erguida. Todos que por ali passaram faziam seus pedidos.

UM HOMEM

Oh, Ana Rosa! Intercede pela minha mãe que está de cama, muito mal. *(Ajoelha, faz uma reza rápida e parte.)*

UMA MULHER COM UMA CRIANÇA

Por favor, ajuda o meu marido a conseguir um trabalho. Quase não temos em casa o que comer e ele não sai do boteco! Amém! *(Ajoelha, faz uma reza rápida e parte.)*

UMA MULHER MUITO ESTRANHA

Eu te peço que me ajude a arranjar um bom partido. Que seja bonito, garboso, elegante e muito rico. *(Ajoelha, faz uma reza rápida e parte.)*

UM HOMEM

Oh, Ana Rosa! Louvada seja! Agradeço pela cura da minha mãe! *(Faz uma reza rápida e parte.)*

UMA MULHER COM UMA CRIANÇA

Sou muito grata por ter ajudado meu marido a conseguir um emprego! As crianças não tão mais passando fome, graças à senhora, Ana rosa. Agora só falta tirar aquele pau-dágua do meu marido do boteco! Amém. *(Faz uma reza rápida e parte.)*

UMA MULHER MUITO ESTRANHA

Eu te peço que me ajude arranjar um bom partido. Que seja bonito, garboso, elegante e muito rico. *(Ajoelha, faz uma reza rápida e parte.)*

CORINGA

Com o tempo, a cruz e o caminho foram se tornando pequenos. O caminho virou estrada e a cruz foi substituída por uma maior. As promessas também aumentavam. Utensílios de toda espécie amontoavam-se ao redor da cruz como prova de seu valor. Os ex-votos.

(Música. Entram doentes, coxos e paráliticos rezando. À medida que se aproximam da cruz, vão se curando e as orações vão se tomando mais altas. Quando alcançam a cruz depositam um ex-voto.)

FIEL I

Louvada seja Ana Rosa que me curou!

TODOS

Louvada seja!

FIEL II

Eu agradeço Ana Rosa pela graça alcançada!

TODOS

Louvada seja!

FIEL III

Vim de muito longe em busca da graça de Ana rosa e fui abençoado pela sua bondade!

TODOS

Louvada seja!

FIEL IV

Ana Rosa me apareceu em sonho e pediu que rezássemos uma novena em seu nome toda sexta-feira!

TODAS

Louvada seja!

FIEL V

E se estiver chovendo?

TODOS

Louvada... *(Todos se entreolham, pensativos.)*

FIEL VI

Já sei! Vamos construir uma capela para Ana rosa! *(Todos comemoram a ideia.)*

TODOS

Louvada seja Ana Rosa!

CORINGA

Assim, foi construída a primeira capela de Ana Rosa. Ao seu redor, aos poucos, foi surgindo um casebre aqui, outro ali. E o caminho já se transformava em estradinha.

(Entra um Italiano, sua mulher e algumas malas.)

ESPOSA DO ITALIANO

Io não vou carregar mais nada! Tô por aqui com essas bugigangas! Dois dias que a gente tá andando e não vende nem um espelhinho.

ITALIANO

Mas também não precisa ficar assim, bela. Aposto que a gente vende alguma coisa por aqui!

(Passa uma mulher com um nenê de colo. Um outro ator faz a voz da criança chorando. Ela balança o nenê, como quem quer cessar o choro.)

MULHER COM NENÊ

Ei, o senhor é o italiano que vende bugiganga, não é?

ITALIANO

(Para a esposa.) Alá, bela? Num falei? *(Para a mulher.)* Sou, sim senhora!

MULHER COM NENÊ

O senhor, por um acaso, vende chupeta?

ITALIANO

Chupeta? Ah, chupeta! Só um minuto... *(Procurando.)* Chupeta... chupeta... Eco! Chupeta! *(Entrega a chupeta para a mulher.)*

MULHER COM NENÊ

O Senhor fazia bem abrindo uma vendinha por aqui. Daqui até a cidade é uma pernada e de vez em quando não dá pra ira te lá, não.

ITALIANO

Uma vendinha... Hmm, amore... Estou tendo uma ideia...

ESPOSA DO ITALIANO

Ai, minha Santa Aqueropita! Você tá louco? Vamos falir logo, logo! Esses matutos que moram aqui nunca têm dinheiro pra nada, e ninguém vai sair da cidade pra fazer compras nesse fim de mundo! Se não fossem as missas na capelinha, isso aqui ia ser um deserto!

ITALIANO

A capelinha... E se a gente fizesse o seguinte: Uma festa. Festa da Santa Cruz de Ana Rosa! O que você acha, hein, bela?

ESPOSA

Olha, não sei, não. Você acha que o povo vem?

(Música. Festa de Santa Cruz. Todos entram cantando e dançando.)

TODOS

Louvada seja a Santa Cruz!

(A cena se congela. Enquanto o Coringa fala, os outros atores montam uma imagem da primeira missa na atual Capela de Ana Rosa.)

CORINGA

Sempre aos primeiros domingos de cada mês, havia romarias e festas junto à capela. As festas eram organizadas cada mês por uma família de devotos. Pessoas de vários lugares vinham conhecer a Capela de Ana Rosa. A história da santa de Botucatu e de seus milagres foi se tornando conhecida em toda a região. E o italiano foi enchendo os bolsos. A Capela ficou pequena para tanta gente, e uma reforma e ampliação foram organizadas pela comunidade, com arrecadações e donativos. No dia 03 de maio de 1921, o Padre Euclides Gomes Carneiro rezou a primeira missa na atual Capela de Ana Rosa.

(Música. Enquanto a missa acontece, o bispo está ao telefone.)

BISPO

Diocese de Botucatu. Sim. É ele mesmo. Hein? Santa milagreira? Aqui em Botucatu? Ah, Ana rosa. Sim, sim. Milagres? Vou mandar averiguarem.

(Os atores na missa vão se distanciando lentamente.)

CORINGA

Algum tempo depois a autoridade Diocesana acabou com as festas. E os milagres cessaram. A capelinha foi abandonada. Pela estrada de carroças quase não havia mais movimento, como diz a nota do Jornal “A Gazeta” de 21 de junho de 1960.

JORNALISTA

Devem ser tomadas providências pela Prefeitura para reparar e consertar a estrada que passa pela Capelinha de Ana Rosa. No es-

tado e condições em que se encontra, o seu trânsito será impossível. É sabido que a referida estrada serve várias propriedades rurais. As providências foram exigidas pela bancada do PSD através de indicação apresentada na última sessão da nossa Câmara.

CORINGA

Ana Rosa não foi esquecida, graças aos livros e músicas que contavam sua história. E aos devotos que todos os anos visitam sua capela e, no dia de Finados, seu túmulo, no Cemitério Portal das Cruzes.

(Em um foco de luz os fiéis, ao redor do túmulo coberto de flores, entoam uma cantiga de fé. Aos poucos, lentamente, Ana Rosa se levanta e as flores se transformam em um manto. O foco se fecha em Ana Rosa. Ao fim da cantiga, o foco se apaga lentamente.)

FIM

Ilustrações e diagramação | *Illustrations and layout*

Johnny Faustino

Publicado por | *Published by*

NADA Studio Criativo

and Associação Teatral Notívagos Burlescos

Este projeto foi aprovado pela NADA DAO e financiado pela Creatives DAO / Near Foundation.

This project was approved by NADA DAO and funded by Creatives DAO / Near Foundation.

Edição © Associação Teatral Notívagos Burlescos, 2022.

Ana Rosa © Robert Coelho, 2022.

Realização



Patrocínio



Realização



GARAGE

Patrocínio

